

**Flávia Vieira**

***Hopes and Fears***

26.05.2018 - 28.07.2018

*Beterraba, açaí, jatoba, feijão, carvão.*

Privilegiando o uso deliberado de pigmentos naturais e aptidões técnicas que remetem para a artesanaria, a exposição *Hopes and Fears* de Flávia Vieira constitui-se na contramão da visualidade contemporânea, estridente e caótica. Um silêncio táctil, uma intensidade difusa, uma repetição cromática quase “monótona”, impregnam tanto os objetos quanto a nossa percepção. É esse o gesto fundamental de Flávia Vieira nesta “cena”, e é essa a constância que podemos esperar do seu trabalho, desde as primeiras exposições que realizou em Lisboa em 2010.

Um aspeto essencial desta exposição é o estatuto dos objetos aqui apresentados. “Artefactos” seria uma palavra apropriada para estes – tapeçarias, peças modeladas, pequenas esculturas –, já que combina a ideia do objeto final com os processos da sua criação, apontando também para as fronteiras que se estabelecem entre o artístico e o artesanato, o erudito e o popular, a máquina e a mão.

Embora possam ter sido planeados na mente, numa espécie de meia-luz conceptual, a verdadeira vibração destes objetos surge no trabalho final. O que Flávia Vieira procura criar não é uma “avalanche” de cor, mas uma organização e construção que é sensível em manter o delicado frescor da cor. E a cor, sabemos-lo, é sobre os sentidos, um meio de compreender a essência das coisas, as pequenas mãos do mundo, como diria Eugénio de Andrade.

Os trabalhos aqui reunidos, realizados com uma intencional diversidade de meios técnicos, têm como fio condutor o uso de pigmentos naturais do Brasil, país onde a artista vive e trabalha desde 2012. Beterraba, açaí, jatoba, feijão, carvão, entre outros, são triturados e manipulados com vista à obtenção de pigmento colorido que depois é mergulhado na tintura das tecelagens, aplicado no barro cozido, ou diretamente na parede da galeria. Por isso mesmo, uma espécie de “cosmética” impregna a exposição *Hopes and Fears* conferindo uma identidade (uma “máscara” segundo M. Mauss), que remete para operações simbólicas e ritualísticas, sintoma de um mundo invisível em ação na materialidade.

Mas igualmente presente no seu trabalho é a pesquisa sobre o fazer institucionalizado que parte da clareza e do rigor do projeto moderno brasileiro e que se traduz na apropriação de formas e signos geométricos humanizados. Como refere a artista: “É deste confronto que é gerada uma marca de inconformidade ou de desadequação tornada produtiva: a abstração geométrica das formas puras que é tratada com superfícies rugosas e imprecisas ou a questão da abstração e da frontalidade do padrão têxtil que ganha contornos irregulares”. Ao mesmo tempo, essas formas e signos geométricos codificam nelas mesmas uma linguagem primeira destituída de história e, por isso, “ilegível” para os dias de hoje.

Finalmente, a proposta de Flávia Vieira sugere um sentido crítico sobre a formulação do sujeito histórico dos sentidos no mundo ocidental, especialmente desde os primórdios da revolução industrial até ao capitalismo avançado de hoje. Em que circunstâncias perdemos a capacidade de fazer com as mãos? Que tipo de conhecimento deixámos

para trás, sob a desculpa de ser obsoleto, lento ou primitivo? parece questionar a artista. Já no fim do séc. XIX, o ensaio do artista e escritor britânico William Morris (1834-1896), que dá o título a esta exposição, reforçava este pessimismo inerente, e apontava para a necessidade de uma ética para os sentidos, como reação ao sistema capitalista que à época se anunciava.

*“Ameaçada a nossa capacidade de fazer com as mãos, como continuar a fazer?”*

*Beterraba, açai, jatoba, feijão, carvão, simples assim.”*

- Marta Mestre, São Paulo, Maio 2018

**Flávia Vieira** reside e trabalha em São Paulo. Licenciada em Artes Plásticas – Pintura (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto) e mestre em Comunicação e Artes (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), encontra-se atualmente a desenvolver o seu doutoramento em Poéticas Visuais (Instituto de Artes da Unicamp - Brasil). Tem participado em várias exposições em Portugal e no Brasil. Destacam-se as exposições “Song for my hands” com a curadoria de Marta Mestre na Bienal Internacional de Curitiba (Museu Óscar Niemeyer – MON, Curitiba - Brasil) e “Chama Plural” com curadoria de Isabella Lenzi no Consulado Português em São Paulo (Brasil) ambas em 2017.

**Marta Mestre** é curadora, crítica de arte e docente. Formada em História da Arte e em Cultura e Comunicação, fez a sua formação académica na Universidade Nova de Lisboa e na Université d’Avignon et des Pays de Vaucluse. Foi curadora do Instituto Inhotim, Brumadinho, Minas Gerais (2016-2017), curadora-assistente do MAM - Rio de Janeiro (2010-2015), e coordenadora de programação do Centro de Artes de Sines, Portugal (2005-2008). Em 2016 foi curadora convidada da Escola de Artes Visuais Parque Lage, Rio de Janeiro. É uma das curadoras da editora Imago/Ymago, responsável pela publicação de Didi-Huberman, Rancière, Warburg, entre outros.